



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL

Campus de Aquidauana

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

THAIS DA SILVA LOBO

A participação do Ceará na Exposição Colombiana a partir da ótica do Thomaz
Brazil

AQUIDAUANA

2025

THAIS DA SILVA LOBO

A participação do Ceará na Exposição Colombiana a partir da ótica do Thomaz
Brazil

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à banca de monografia da
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, curso
de História do Campus de Aquidauana, como
requisito para a obtenção do Título de Licenciatura
em História.

Orientador: Heraldo Márcio Galvão Júnior

AQUIDAUANA

2025

ESPAÇO PARA FICHA CATALOGRÁFICA

THAIS DA SILVA LOBO

A participação do Ceará na Exposição Colombiana a partir da ótica do Thomaz
Brazil

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Heraldo Márcio Galvão Júnior – Orientador e Presidente da Banca

Arguidor

Arguidor

AQUIDAUANA, 2025

Ao meu orientador,
sem o qual eu não teria conseguido concluir esta difícil tarefa

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha irmã Carla Taynara Lobo Moraes, cuja presença e apoio foram fundamentais em toda a minha trajetória. Durante os anos em que morei com ela, recebi cuidado, incentivo e ajuda em cada passo, sempre com generosidade e dedicação. Nos dois últimos anos, mesmo à distância, ela continuou sendo um pilar constante, oferecendo palavras de coragem, confiança e motivação. Sua fé em mim muitas vezes antecedeu a minha própria, e por isso registro aqui minha gratidão mais profunda.

Estendo meus agradecimentos ao grupo SHINee, cuja música acompanhou inúmeros momentos de dificuldade ao longo desta caminhada acadêmica. Em dias em que o cansaço e a vontade de desistir pareciam predominar, suas canções serviram como abrigo emocional, permitindo-me respirar, recuperar forças e continuar. A arte também sustenta, inspira e transforma, e a presença simbólica desse grupo na minha rotina fez parte desse processo.

Sou igualmente grata à família do meu amigo Pedro Lipu, que me acolheu com generosidade e carinho. Abriram as portas de sua casa e me ofereceram apoio em momentos decisivos do percurso, tornando possível a continuidade dos estudos e, conseqüentemente, a realização deste trabalho. Esse gesto de acolhimento ultrapassa as palavras e ocupa um lugar permanente na minha memória e na minha gratidão.

Por fim, deixo um agradecimento especial ao professor Heraldo Galvão, cuja orientação, paciência e dedicação foram determinantes para que esta pesquisa se concretizasse. Mais do que um orientador, foi um exemplo de professor e de ser humano: atento, generoso, e profundamente comprometido com a formação de seus alunos. Sua presença orientadora não apenas guiou este Trabalho de Conclusão de Curso, mas também contribuiu para minha formação acadêmica e pessoal.

A todos que, de diferentes formas, caminharam comigo até aqui, deixo registrado meu mais sincero agradecimento.

"Fala-se muito na crueldade e na bruteza do homem medievo.
Mas o homem moderno será melhor?"
Raquel de Queiroz

RESUMO

A participação do Ceará na Exposição Colombiana a partir da ótica do Thomaz Brazil

A participação do Ceará na Exposição Colombiana de 1893, analisada a partir da ótica de Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, revela como o estado buscou projetar-se no cenário internacional por meio de uma narrativa científica, histórica e econômica alinhada aos ideais republicanos de modernização. Enquanto membro da Comissão Central Cearense, Thomaz Brazil desempenhou papel central na elaboração do material enviado ao evento, organizando informações sobre território, clima, recursos naturais, economia e sociedade com o intuito de apresentar o Ceará como uma região promissora, racionalmente ordenada e integrada às demandas do progresso. Sua escrita oferece não apenas uma descrição do estado, mas a construção de uma imagem oficial que articula interesses políticos, identitários e econômicos, permitindo compreender como as elites cearenses do final do século XIX mobilizaram o conhecimento para produzir representações valorizadas no contexto internacional.

Palavras-chave: Exposição Universal de Chicago; Ceará; Thomaz Brazil; modernização republicana; progresso.

ABSTRACT

The participation of Ceará in the Columbian Exposition from the perspective of
Thomaz Brazil

The participation of Ceará in the 1893 World's Columbian Exposition, analyzed from the perspective of Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, reveals how the state sought to project itself internationally through a scientific, historical, and economic narrative aligned with republican ideals of modernization. As a member of the Ceará Central Commission, Pompeu played a central role in preparing the material sent to the event, organizing information on territory, climate, natural resources, economy, and society in order to present Ceará as a promising region, rationally structured and integrated into the demands of progress. His writing not only describes the state but also constructs an official image that articulates political, identity-based, and economic interests, showing how Ceará's elites at the end of the nineteenth century mobilized knowledge to produce representations valued in the international context.

Keywords: World's Columbian Exposition; Ceará; Thomaz Brazil; republican modernization; progress.

SUMÁRIO

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo 1 – Exposições Internacionais entre a Monarquia e a República	15
1.1 Exposições Universais.....	16
1.2. Exposições Universais do século XIX entre a Monarquia e a República.....	18
Capítulo 2 – Thomaz Pompeu Brazil e a construção do material para a Exposição de Chicago	22
2.1. Ceará na Exposição de Chicago.....	23
2.2. História, arte e literatura na EC pela ótica de Thomaz Brazil	26
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	36
I – Documentais	36
II – Bibliográficas.....	36

INTRODUÇÃO

As Exposições Internacionais, especialmente aquelas organizadas ao longo do século XIX, consolidaram-se como espaços privilegiados de circulação de saberes, tecnologias e discursos de modernidade. Modernidade é aqui entendida, conforme apontamentos de Pesavento¹, como um fenômeno cultural que expressa os pensamentos, culturas e mentalidades dos “novos tempos”. Mais do que simples mostras industriais, “mostrava-se nestes eventos o progresso industrial e a superioridade das potências imperialistas, reservando assim um lugar para todas as nações do globo onde o ato de conhecer também era um fator político”² (SANTOS, 2013, p.1) estabelecer alianças comerciais e demonstrar sua inserção no ideário civilizatório europeu. Para países em processo de construção estatal, como o Brasil, as exposições tornaram-se verdadeiras “vitrines do progresso”³, através das quais se projetavam imagens desejadas de progresso, riqueza natural e potencial produtivo.

No que diz respeito à participação do Brasil, ela pode ser compreendida em dois momentos distintos. O primeiro refere-se ao Brasil Imperial, no qual a figura de Dom Pedro II desempenhava papel central na construção da imagem nacional apresentada ao exterior: “Foi através do patrocínio do Imperador Dom Pedro II que o Brasil participou das exposições”. A configuração da nação se pautava na diversificação da natureza, na divisão do espaço nacional e na presença do Estado Monárquico”⁴. O segundo corresponde ao Brasil Republicano, que buscava afirmar-se entre as demais nações como moderno, científico e progressista. Nesse sentido, a Exposição Universal de Chicago, realizada em 1893, marcou a primeira grande participação brasileira sob o novo regime, inaugurando uma fase de ressignificação das formas de representação do país. Com a Proclamação da República, tornou-se fundamental apresentar ao mundo uma nação renovada, alinhada à modernização econômica, ao

¹ PESAVENTO, Sandra. Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

² SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH Brasil, 2013, p. 01.

³ Este conceito é fundamental para todo o Trabalho de Conclusão de Curso e provém das análises feitas por Margarida Neves, que será melhor trabalhado ao longo do texto. Cf. NEVES, Margarida. **As vitrines do progresso**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq, 1986.

⁴ SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH Brasil, 2013, p. 11.

discurso científico e à racionalidade administrativa que caracterizavam o projeto republicano.

Nesse contexto, insere-se a participação do Ceará nas exposições internacionais. Mesmo não possuindo a densidade industrial de províncias como São Paulo e Minas Gerais, o estado mobilizou intelectuais, engenheiros, políticos e comerciantes que viam nesses eventos uma oportunidade de divulgação econômica e afirmação regional. A Exposição Universal de Chicago, realizada em 1893, representa um marco importante dessa trajetória, sendo a primeira grande mostra internacional da qual o Brasil participou já sob o regime republicano consolidado. Para o Ceará, a exposição constituiu não apenas um espaço de exibição de produtos naturais, agrícolas e industriais, mas também um palco de construção de identidades territoriais e de afirmação do estado no cenário nacional e internacional.

A preparação do material enviado pelo Ceará a Chicago foi conduzida pela Comissão Central Cearense, composta por Isaie Boris, Antonio Bezerra, Ernesto Antonio Lassance Cunha, José Freire Bezerril Fontenelle e Thomaz Pompeu de Sousa Brazil. Esses homens representavam diferentes setores da elite cearense — comércio, burocracia, engenharia e produção intelectual — e sua atuação articulada permitiu a produção de livros, catálogos, mapas, relatórios e amostras materiais destinados à exposição. Entre eles, destaca-se especialmente Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, cuja obra *Estado do Ceará na Exposição de Chicago* tornou-se o principal instrumento de apresentação escrita do território cearense. A centralidade de Thomaz Brazil decorre de seu papel como intelectual, professor, administrador público e presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, além de sua capacidade de sintetizar, em linguagem científica e historicamente fundamentada, uma visão sobre natureza, economia e cultura coerente com o ideário republicano de progresso.

Escolher Thomaz Brazil como foco deste trabalho justifica-se, portanto, por dois motivos principais. Primeiro, porque sua produção sintetiza a maneira como a elite intelectual cearense da Primeira República articulava ciência, política e administração pública na construção de representações sobre o território. Segundo, porque sua obra destinada à Exposição de Chicago revela como o estado do Ceará foi projetado no exterior por meio de discursos que combinavam positivismo, estatística, geografia, história e retórica de modernização. Trata-se, portanto, de analisar como Thomaz

Brazil interpretou e narrou o Ceará e de que modo essa escrita serviu como instrumento de construção de imagem e de afirmação política.

Do ponto de vista teórico e metodológico, esta pesquisa fundamenta-se na história cultural, na história intelectual e na análise discursiva, dialogando com autores como Sandra Pesavento⁵, Lilia Schwarcz⁶, Heloisa Barbuy⁷, Livia Rezende⁸, Raimundo Assis⁹ e Roger Chartier¹⁰. Através dessas referências, entende-se a participação do Ceará nas exposições internacionais como fenômeno cultural e político, no qual a construção de representações sobre o território — e não apenas a exibição de produtos — é central para compreender as relações entre ciência, Estado e identidade no período. Como metodologia, adota-se a leitura crítica da obra de Thomaz Brazil, bibliografia especializada e análises historiográficas que tratam tanto das Exposições Universais quanto da formação da geografia e das narrativas territoriais no Brasil.

O recorte temporal deste estudo concentra-se na segunda metade do século XIX e nos primeiros anos da República, período marcado pela difusão de ideias de modernidade, expansão das exposições e reorganização política brasileira. O recorte espacial está centrado no Ceará, mas sempre articulado ao contexto mais amplo do Brasil e das redes internacionais de exibição científica e econômica. O diálogo historiográfico busca articular estudos sobre exposições, representações nacionais, modernidade, geografia e Estado, além de abordagens teóricas sobre práticas discursivas e representações.

a princípio, o primeiro capítulo apresenta um panorama das Exposições Universais entre o fim do Império e o início da República, destacando sua importância política, econômica e simbólica. Analisa como o Brasil utilizou esses eventos para

⁵ PESAVENTO, Sandra. *Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁷ BARBUY, Heloisa. **A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial**. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

⁸ REZENDE, Livia. *The Future of the Past: The Representation of the First Brazilian Republic in the World's Columbian Exposition in Chicago, 1893*. Iberoamericana, XXI, 2021.

⁹ ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. *A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago* (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016.

¹⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

projetar imagens de progresso e como a República, especialmente em 1893, reorganizou narrativas históricas a fim de legitimar o novo regime.

E por fim, o capítulo dois examina a formação da Comissão Central Cearense e, sobretudo, a atuação de Thomaz Brazil na elaboração do material enviado para Chicago. Analisa-se sua obra como construção discursiva do território, evidenciando como geografia, história, estatística e literatura são mobilizadas para criar uma imagem moderna e atraente do Ceará, revelando as intenções políticas, econômicas e identitárias subjacentes a essa representação.

Assim, ao investigar a participação do Ceará na Exposição Colombiana por meio da escrita de Thomaz Brazil, este trabalho busca compreender não apenas um episódio específico da história cearense, mas os modos pelos quais ciência, e política entrelaçam na construção das identidades.

Capítulo 1 – Exposições Internacionais entre a Monarquia e a República

Antes de analisarmos a participação do Ceará na exposição internacional de Chicago (1893), é essencial compreender o papel das Exposições Universais no contexto do século XIX e a forma como o Brasil buscou inserir-se nesses espaços de modernidade. Essas feiras, surgidas como grandes mostras de inovação industrial, científica e artística, funcionavam como “vitrines do progresso”¹¹ e como arenas de disputa simbólica entre nações que desejavam afirmar seu lugar no mundo. Nesse cenário, o Brasil também procurou construir uma imagem compatível com os ideais de civilização e desenvolvimento daquele período, utilizando as exposições como meios estratégicos de representação nacional.

¹¹ Este conceito é fundamental para todo o Trabalho de Conclusão de Curso e provém das análises feitas por Margarida Neves, que será melhor trabalhado ao longo do texto. Cf. NEVES, Margarida. **As vitrines do progresso**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq, 1986.

1.1 Exposições Universais

As Exposições Universais, surgidas no contexto da expansão industrial oitocentista, tornaram-se espaços privilegiados de divulgação da modernidade e do avanço tecnológico produzidos pelas grandes potências europeias. Esses eventos, conforme destaca Denise Takeda, funcionavam como instrumentos práticos de propaganda econômica e “desenvolvimento do comércio exterior”¹² ao permitirem que os países exibissem seus produtos, máquinas e técnicas com o objetivo de ampliar mercados, estimular o comércio exterior e afirmar superioridade industrial. Assim, mais do que vitrines tecnológicas, as exposições consolidaram-se como arenas de disputa simbólica e material no cenário global do século XIX.

A Exposição de Londres de 1851 inaugurou o modelo das grandes feiras industriais ao apresentar ao mundo o Palácio de Cristal, estrutura monumental de ferro e vidro que marcou profundamente o imaginário da modernidade. Como destaca Paulo Santos, o edifício sintetizava “a vertigem” e o “espírito visionário”¹³ da era industrial, pois combinava leveza, transparência e monumentalidade em uma construção que podia ser montada e desmontada com rapidez. Essa materialidade simbolizava a própria lógica moderna, caracterizada pela fluidez e pela transformação constante. A partir de 1851, desta forma, a arquitetura tornou-se parte do espetáculo das exposições, pois não eram apenas prédios utilitários, mas monumentos simbólicos destinados a impressionar visitantes e reafirmar a capacidade técnica das nações anfitriãs. Ana Lopes afirma que, neste momento, participaram “vinte e cinco países e 15 colônias inglesas”¹⁴, cujos edifícios montados para a exposição funcionavam como ícones da modernidade, pois exibiam o domínio da engenharia, dos novos materiais e da estética industrial. Desse modo, cada exposição buscava superar a anterior, criando construções que, além de abrigar objetos e máquinas, representavam visualmente as aspirações civilizatórias e tecnológicas do século XIX.

Esses eventos, contudo, não celebravam apenas o progresso técnico, pois também reforçavam projetos imperiais e hierarquias globais ao demonstrar deixar entrever as diferenças entre Europa, África e Ásia. As exposições organizavam e

¹² TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará. Origem do capital estrangeiro no Brasil. Natal-RN. Editora Universitária UFRN, 1995, p. 27

¹³ SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH Brasil, 2013.

¹⁴ LOPES, Ana Patrícia Quaresma. Exposições parisienses Oitocentistas. Prova final de Licenciatura em Arquitetura/DARQ/FCTUC/COIMBRA/ 2007. p. 14.

classificavam povos, culturas e objetos de modo a legitimar a superioridade das potências industrializadas. Ao reunir produtos, matérias-primas e representações culturais de diversos continentes, os comitês organizadores decidiam como cada nação seria mostrada ao público, reproduzindo padrões de dominação que posicionavam os países europeus no topo da hierarquia civilizatória.

Werner Plum¹⁵, citado por Santos¹⁶, acrescenta que as exposições constituíam fenômenos profundamente interdisciplinares, envolvendo ciência, indústria, arte, comunicação e política, por isso, tornavam visível a intersecção entre modernidade e colonialismo. Assim, a pretensa universalidade desses eventos era atravessada por tensões e desigualdades, impondo ao visitante um olhar filtrado pela ótica do imperialismo europeu.

Nesse mesmo sentido, Sandra Pesavento argumenta que as exposições carregavam forte herança iluminista, buscando catalogar, ordenar e classificar o mundo em vitrines. Dando “um caráter fetichista/fantasmagórico, têm uma função didático/pedagógica explícita”¹⁷. Para a autora, esses eventos funcionavam como “janelas para o mundo, ao condensar o novo, o exótico, o desconhecido e o fantástico em um espaço acessível ao visitante, reforçando a ideia de que o progresso material seria sinônimo de progresso civilizacional”¹⁸. Assim, percebe-se que as exposições também constituíam fenômenos profundamente interdisciplinares, combinando ciência, arte, indústria, comunicação e política em um único espetáculo.

Ao longo da segunda metade do século XIX, o número de expositores, visitantes e áreas ocupadas cresceu expressivamente, como demonstram os dados apresentados por Santos¹⁹, indicando a ampliação do interesse internacional por esses eventos. A expansão geográfica das exposições também revela o esforço das nações industrializadas em consolidar redes de comércio, firmar parcerias e alcançar novos mercados consumidores, ao mesmo tempo em que países com menor

¹⁵ PLUM, Werner. Exposições no século XIX: espetáculos da transformação SócioCultural. Bom: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979.

¹⁶ SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH Brasil, 2013.

¹⁷ PESAVENTO, Sandra. Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 45.

¹⁸ PESAVENTO, Sandra. Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 45.

¹⁹ SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH Brasil, 2013.

desenvolvimento industrial buscavam nelas oportunidades de inserção no sistema econômico global.

É nesse contexto que o Brasil passa a participar oficialmente das Exposições Universais, sobretudo a partir da década de 1860. De acordo com Lilia Schwarcz, o governo imperial, sob forte influência de Dom Pedro II, via nas exposições uma possibilidade estratégica de construir e difundir uma imagem de nação moderna, rica em recursos naturais e integrada à comunidade internacional: “As razões eram claras. Parecia necessário mudar a imagem externa do país e impor a sua ‘real face’: um império civilizado”²⁰. Ainda que enfrentasse dificuldades organizacionais e estruturais, o país investiu em exibir seus produtos agrícolas, minerais e artefatos regionais, buscando demonstrar potencial econômico e reafirmar sua soberania.

Assim, ao analisar as Exposições Universais, percebe-se que elas ultrapassaram o caráter de simples mostras industriais, configurando-se como espaços onde se articulavam poder político, ambições imperialistas, circulação de saberes e disputas por reconhecimento internacional. Esses eventos, como demonstram diversos autores aqui citados, deixaram marcas profundas na construção da ideia de modernidade e no modo como as nações passaram a se apresentar no cenário global.

Assim, ao ser analisado como um todo, o fenômeno das Exposições Universais ultrapassa a dimensão de simples mostras industriais, configurando-se como um instrumento complexo e multifacetado, que articulava interesses econômicos, disputas políticas, circulação de saberes e construção de identidades. Compreender essas dinâmicas é essencial para situar o desenvolvimento da modernidade e para entender como diferentes nações, inclusive o Brasil, se posicionaram no cenário global entre os séculos XIX e XX.

1.2. Exposições Universais do século XIX entre a Monarquia e a República

A participação brasileira nas Exposições Universais ao longo do século XIX revela dinâmicas políticas, culturais e simbólicas que expressam tanto a continuidade

²⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 394.

quanto a transformação entre o período monárquico e os primeiros anos da República. Essas feiras constituíram-se como espaços privilegiados para a construção de uma imagem nacional no exterior, servindo não apenas à promoção econômica, mas também à definição de projetos de identidade e à disputa por reconhecimento internacional. Conforme argumenta Fernandes (2022), ao se inserir no circuito das exposições, o Brasil buscava

mostrar uma imagem positiva do país. Havia uma questão econômica – a necessidade de recrutar mão de obra e atrair capital para ser investido aqui – mas também havia uma questão de construir uma imagem positiva do país, que não era muito bem visto no cenário internacional, principalmente por conta da escravidão.²¹

Assim, visava demonstrar ao mundo sua integração ao ideário de progresso e civilização, mesmo enfrentando desigualdades estruturais e limitações materiais frente às potências industrializadas.

Durante o Império, especialmente sob o reinado de Dom Pedro II, a participação brasileira esteve profundamente vinculada ao desejo de legitimar a monarquia perante a comunidade internacional. Como aponta Fernandes²², o governo imperial mobilizou as exposições como instrumentos de afirmação política, na tentativa de demonstrar que o Brasil era uma nação estável, ordenada e capaz de acompanhar o ritmo da modernidade ocidental. As exposições imperiais priorizavam produtos naturais, sobretudo café, cacau, borracha, madeira e minérios, mas também incluíam manufaturas, artefatos culturais e publicações científicas destinadas a ilustrar a diversidade e o potencial econômico do território.

Essa estratégia estava em consonância com o interesse imperial em promover a unidade territorial e reforçar sua inserção diplomática. Como observa Raimundo Assis, muitos dos materiais enviados especialmente os livros, catálogos, relatórios e mapas buscavam não apenas apresentar produtos, mas também produzir um discurso científico sobre o território, descrevendo-o, classificando-o e organizando-o de acordo com o ideário da geografia moderna. Para o autor, as obras enviadas às exposições

²¹ FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. O BRASIL NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS DO SÉCULO XIX. **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 59–69, 2022, p. 63.

²² FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. O BRASIL NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS DO SÉCULO XIX. **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 59–69, 2022, p. 63.

revelam a construção de um pensamento geográfico brasileiro que servia tanto ao Estado interno, como ferramenta de controle e conhecimento do espaço, quanto ao Estado externo, como forma de exibir racionalidade científica e capacidade administrativa. Porém, como aponta o autor,

Eram os olhares dos vencedores sobre a própria sociedade e os territórios que estavam sendo difundidos, não expressando, assim, uma crítica necessária sobre os níveis de barbárie que estavam sendo executados com o projeto da dita civilização, as imposições para a grande massa da periferia que estava identificada com aquele projeto, sendo comum aos documentos das exposições universais uma afirmação e um pedido de inserção no próprio desejo de mais civilização²³

A Exposição Universal de Paris de 1889 marcou o último grande evento internacional do qual o Brasil participou enquanto Império. Nesse momento, já havia tensões sociais e políticas internas, mas o país ainda buscava reafirmar a imagem de estabilidade. No pavilhão brasileiro dessa exposição, conviviam lado a lado elementos de modernidade como máquinas agrícolas e produtos industrializados, narrativas de exotismo tropical, que reforçavam uma imagem ambivalente do país: simultaneamente civilizado e exótico. Essa ambivalência, segundo a Maria Fernandes, era típica de países latino-americanos, que tentavam conciliar a adesão aos valores ocidentais com a singularidade de sua natureza e cultura.

A Proclamação da República, em 1889, inaugurou um novo projeto de representação nacional. Se, no Império, a visibilidade buscada nas exposições era orientada à legitimação monárquica, sob a República o objetivo tornou-se construir uma imagem moderna, científica e progressista que afastasse o país do passado imperial. A Exposição Colombiana de Chicago de 1893 foi o primeiro grande palco internacional em que a recém-instaurada República pôde se apresentar, e tornou-se, um momento destinado a reconfigurar o passado nacional e projetar um futuro republicano.

²³ ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016, p. 86.

Livia Rezende, em *The Future of the Past* argumenta que os organizadores brasileiros em Chicago buscaram reescrever o passado para legitimar o novo regime. Um dos exemplos analisados pela autora é “o objeto brilhante e imponente que transmitia a todos que Minas Gerais era o El Dourado do Brasil”²⁴. Ao destacar o ciclo do ouro e ao omitir deliberadamente o período imperial, o governo republicano articulou, segundo Rezende, uma operação simbólica que vinculava a República a um passado glorioso e colonial, ao mesmo tempo em que suprimia a presença da monarquia na narrativa histórica apresentada ao público estrangeiro. Além disso, a organização da participação brasileira em Chicago demonstrou a crescente centralização política da República e sua intenção de construir um discurso homogêneo sobre o país. Embora houvesse materiais enviados por diferentes estados como São Paulo, Bahia, Pará e Ceará, a gestão do conteúdo, do espaço e da narrativa foi realizada majoritariamente pelo governo federal. Assim, a participação na exposição refletiu as tensões e disputas próprias de um regime que ainda buscava consolidar-se internamente, convertendo o pavilhão brasileiro em um microcosmo das batalhas políticas do período.

É nesse contexto de reorganização política que se destacam os apontamentos de Raimundo Assis²⁵ acerca dos livros e documentos enviados à Exposição de Chicago. O autor demonstra que os materiais geográficos e históricos produzidos no início da República buscavam reforçar a imagem de um Estado forte, moderno e capaz de administrar racionalmente seu território. Os textos enviados que descreviam aspectos físicos, econômicos, demográficos e culturais das regiões brasileiras funcionavam como instrumentos de construção simbólica da nação e como evidências da capacidade científica republicana.

A transição do Império para a República, portanto, não significou o abandono do uso das exposições como espaços de propaganda nacional, mas sim uma mudança nos discursos e símbolos mobilizados. Enquanto o Império enfatizava a estabilidade, a ordem dinástica e a riqueza natural, a República procurou destacar

²⁴ Tradução nossa: “a shining and towering object broadcasting for all to see that Minas Gerais was Brazil’s El Dorado”. REZENDE, Livia. *The Future of the Past: The Representation of the First Brazilian Republic in the World’s Columbian Exposition in Chicago, 1893*. Iberoamericana, XXI, 2021, p. 72.

²⁵ ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. *A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago* (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016, p. 86.

ciência, modernidade, técnica e industrialização. O centro da narrativa deslocou-se da “nação tropical e exuberante” para a “nação progressista e futura”²⁶. Ainda assim, como destaca Fernandes (2022), “permaneceram elementos de continuidade”²⁷, especialmente a insistência em apresentar o país como potencialmente moderno, ainda que enfrentasse limitações estruturais profundas.

Além disso, tanto no Império quanto na República, as exposições continuaram a evidenciar desigualdades internas e tensões regionais. A presença dos estados nas exposições variava conforme seus interesses econômicos, disponibilidade de recursos e influência política. No caso específico da participação cearense tema analisado nos próximos capítulos, esse movimento revela como regiões menos industrializadas buscaram, dentro de suas possibilidades, inscrever-se na narrativa nacional de progresso, ainda que ocupassem espaços menos centrais nos pavilhões brasileiros.

Em síntese, a participação do Brasil nas Exposições Universais do século XIX expressa um movimento de continuidade e ruptura entre Império e República. Ao mesmo tempo em que ambos os regimes utilizaram esses eventos como ferramentas de projeção internacional, cada um mobilizou símbolos, discursos e estratégias próprios. O Império buscou legitimar-se pela estabilidade e pela promessa de civilização tropical; a República, pela ciência, pela modernidade e pela reinvenção de seu passado.

Capítulo 2 – Thomaz Pompeu Brazil e a construção do material para a Exposição de Chicago

Este capítulo analisa o papel de Thomaz Pompeu de Sousa Brazil na elaboração do material produzido pelo Ceará para a Exposição Universal de Chicago, realizada em 1893, destacando sua atuação enquanto intelectual, professor e membro da Comissão Central Cearense. A partir de sua formação geográfica e histórica, Thomaz Brazil construiu uma representação do território que articulava natureza, economia, população e administração pública, apresentando o estado como um

²⁶ FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. O BRASIL NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS DO SÉCULO XIX. **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 59–69, 2022, p. 63.

²⁷ FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. O BRASIL NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS DO SÉCULO XIX. **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 59–69, 2022, p. 63.

espaço coerente com o ideário republicano de modernização e progresso. Assim, busca-se compreender de que maneira sua escrita contribuiu para a formulação de uma imagem oficial do Ceará no cenário internacional e como suas escolhas narrativas expressam interesses políticos, científicos e identitários da Primeira República.

2.1. Ceará na Exposição de Chicago

A participação do Ceará na Exposição Universal de Chicago, em 1893, representa um capítulo significativo na história da inserção internacional do estado e na construção de uma imagem institucional capaz de expressar suas potencialidades econômicas, naturais e produtivas. Assim como outras unidades federativas brasileiras no início da República, o Ceará viu na exposição uma oportunidade estratégica de apresentar-se ao mundo e de demonstrar seus recursos, sua capacidade técnica e sua inserção no projeto de modernização defendido nacionalmente. Conforme mostra Assis, a presença dos estados na exposição foi marcada pela mobilização de forças políticas, intelectuais e técnicas locais, que se articularam para produzir catálogos, livros, relatórios, mapas e amostras materiais capazes de representar, para os Estados Unidos e para os demais visitantes, uma versão idealizada e economicamente atrativa de seus territórios. Nesse contexto, a formação da Comissão Central do Ceará constituiu o núcleo organizador dessa representação estatal, reunindo figuras da intelectualidade, da política e da engenharia que, a partir de seus conhecimentos especializados, construíram os materiais enviados ao certame.

A Comissão Central do Ceará, conforme apresentado por Assis, foi formada por cinco membros: Isaie Boris (presidente), Antonio Bezerra, Thomaz Pompeu de Sousa Brazil (Pompeu Filho), José Freire Bezerril Fontenelle e Ernesto Antonio Lassance Cunha. Esses nomes integravam estratos distintos das elites políticas, intelectuais e técnicas do estado e eram responsáveis por mediar os interesses locais diante das exigências do governo federal quanto à participação na Exposição de Chicago. Tais membros exerciam funções relevantes na administração pública, na produção de conhecimento e na intermediação econômica, perfil que, segundo Assis, justificava sua escolha para compor a comissão.

A liderança da comissão ficou a cargo de Isaie Boris, como consta na fonte principal deste trabalho²⁸, personagem central para compreender a articulação entre comércio e representação pública. A tese de Assis descreve Boris como “um homem estrangeiro de negócios”²⁹, pertencente à Casa Francesa Boris, instalada em Fortaleza desde 1872. Sua posição privilegiada no comércio local e internacional, especialmente na compra de matérias-primas e na atuação frente ao mercado internacional, fez dele um intermediário estratégico entre interesses privados e demandas estatais na preparação dos materiais enviados a Chicago. Assis observa que Boris tinha forte articulação com as frações de classe dominantes e com o comércio mundial, sendo sua nomeação coerente com o papel da comissão em promover a inserção do Ceará no mercado internacional de produtos naturais e agrícolas.

Outro membro fundamental da comissão foi Antonio Bezerra, cuja contribuição foi determinante para a elaboração do Catálogo dos produtos enviado à exposição. A tese destaca que Antonio Bezerra era reconhecido como um dos intelectuais mais refinados do estado e profundo conhecedor da flora, fauna, geomorfologia e recursos minerais do Ceará. Ele é descrito como “bairrista, apaixonado pela “pátria” Ceará” e por seus estudos geográficos e de história natural”³⁰. Segundo Assis, esse conhecimento o tornou o principal responsável pela coleta, organização e distribuição dos produtos remetidos pelo estado em 1892, sendo peça indispensável para o trabalho da comissão.

A escolha de Bezerra também se explica por sua experiência de campo. Assis destaca que ele participou, na década de 1880, de uma comissão científica encarregada de mapear o Norte do Ceará, experiência que lhe permitiu produzir obras como *Província do Ceará: notas de viagem* (1889) e *Maranguape: notas de viagem* (1884). Segundo Assis, nessa viagem Bezerra demonstrou amplo conhecimento empírico e teórico sobre plantas, solos e tipos naturais do território, conhecimento

²⁸ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D'a Republica, 1893.

²⁹ ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016, p. 243.

³⁰ ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016, p. 249.

adquirido tanto pelas suas leituras quanto pelo trabalho de campo: suas descrições eram realizadas “através de seu conhecimento teórico e, principalmente, por conhecimento de causa, pelo seu trabalho em campo”³¹, o que conferia legitimidade científica às suas observações.

O engenheiro Ernesto Antonio Lassance Cunha compunha outro eixo essencial da comissão. Seu nome estava associado sobretudo aos debates sobre infraestrutura e expansão ferroviária no Ceará. Conforme apresenta Assis, Lassance elaborou estudos e projetos a respeito das ferrovias no estado e organizou informações que posteriormente seriam enviadas à exposição, articulando a temática dos transportes às questões centrais do período, como modernização e combate aos efeitos da seca. Sua participação reforçava um discurso republicano de planejamento, técnica e racionalidade administrativa que se buscava imprimir à imagem do estado.

José Freire Bezerril Fontenelle completava o quadro como colaborador ligado à administração pública e à produção intelectual. Embora apareça na tese com menor destaque individual, sua atuação contribuía para a divisão interna de tarefas que organizou o trabalho da comissão.

Por fim, integrava o grupo Thomaz Pompeu de Sousa Brazil (Pompeu Filho), figura de grande relevância no campo intelectual cearense. Professor do Liceu, fundador e presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, além de ativo participante da política estadual, Pompeu Filho representava a interseção entre ciência e administração pública. Almir Leal de Oliveira o caracteriza como um intelectual “visivelmente comprometido com a dimensão prática do conhecimento”³². Sua produção escrita seria fundamental para compor o livro enviado pelo Ceará à exposição.

A organização interna da comissão revela como os membros, cada um a partir de sua área de especialização, colaboraram para construir uma narrativa integrada sobre o território. Bezerra detalhava a natureza; Lassance sistematizava informações sobre transportes; Boris articulava interesses comerciais; Fontenelle administrava

³¹ ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016, p. 249.

³² ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. A iminência da subordinação aos Estados Unidos: a afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2016, p. 247.

processos; Pompeu sintetizava aspectos históricos e geográficos. Juntos, apresentaram o Ceará como unidade territorial diversa e promissora, alinhada ao ideário de progresso e modernidade que se pretendia difundir no exterior. O conjunto enviado refletia a intenção de demonstrar não apenas a diversidade natural do Ceará, mas sua utilidade econômica, em consonância com as práticas da Primeira República. No caso do Ceará, essa lógica se expressou nos textos preparados pela comissão e nas amostras cuidadosamente selecionadas para evidenciar riqueza vegetal, mineral e agrícola, contrapondo-se a representações negativas associadas à seca e à aridez do sertão.

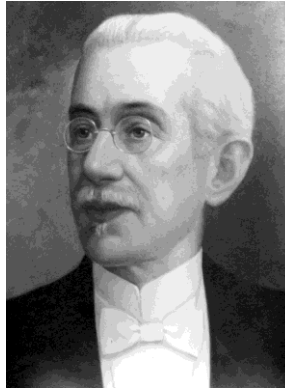
Dessa forma, a participação cearense na Exposição Universal de Chicago configurou-se como um esforço coordenado de produção e representação do território. Ao reunir ciência, política, comércio e técnica, a comissão buscou projetar uma imagem moderna do Ceará, capaz de dialogar com demandas internacionais e de afirmar o estado dentro do projeto nacional republicano. A análise de sua obra, especialmente a de Thomaz Pompeu será aprofundada no tópico seguinte, onde suas interpretações sobre o território ganham maior destaque.

2.2. História, arte e literatura na EC pela ótica de Thomaz Brazil

Thomaz Pompeu de Sousa Brazil (Pompeu Filho), destacou-se como uma das figuras centrais da vida intelectual, política e administrativa do Ceará entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Filho do senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, autor do clássico *Ensaio Estatístico do Ceará* (1861), cresceu inserido em um ambiente marcado pela produção de saberes voltados à interpretação científica do território. Formou-se bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife e construiu uma carreira que uniu docência e política: foi professor no Liceu do Ceará e na Escola Normal, deputado estadual, deputado federal e administrador público. A frente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, que presidiu por quarenta anos, consolidou-se como referência na elaboração de sínteses territoriais sobre população, seca, economia e geografia física. Sua obra expressa a convergência entre ciência, política e administração, permitindo compreendê-lo como um “homem da ciência, da política e dos negócios” da virada do século XIX para o século XX, perfil característico da elite

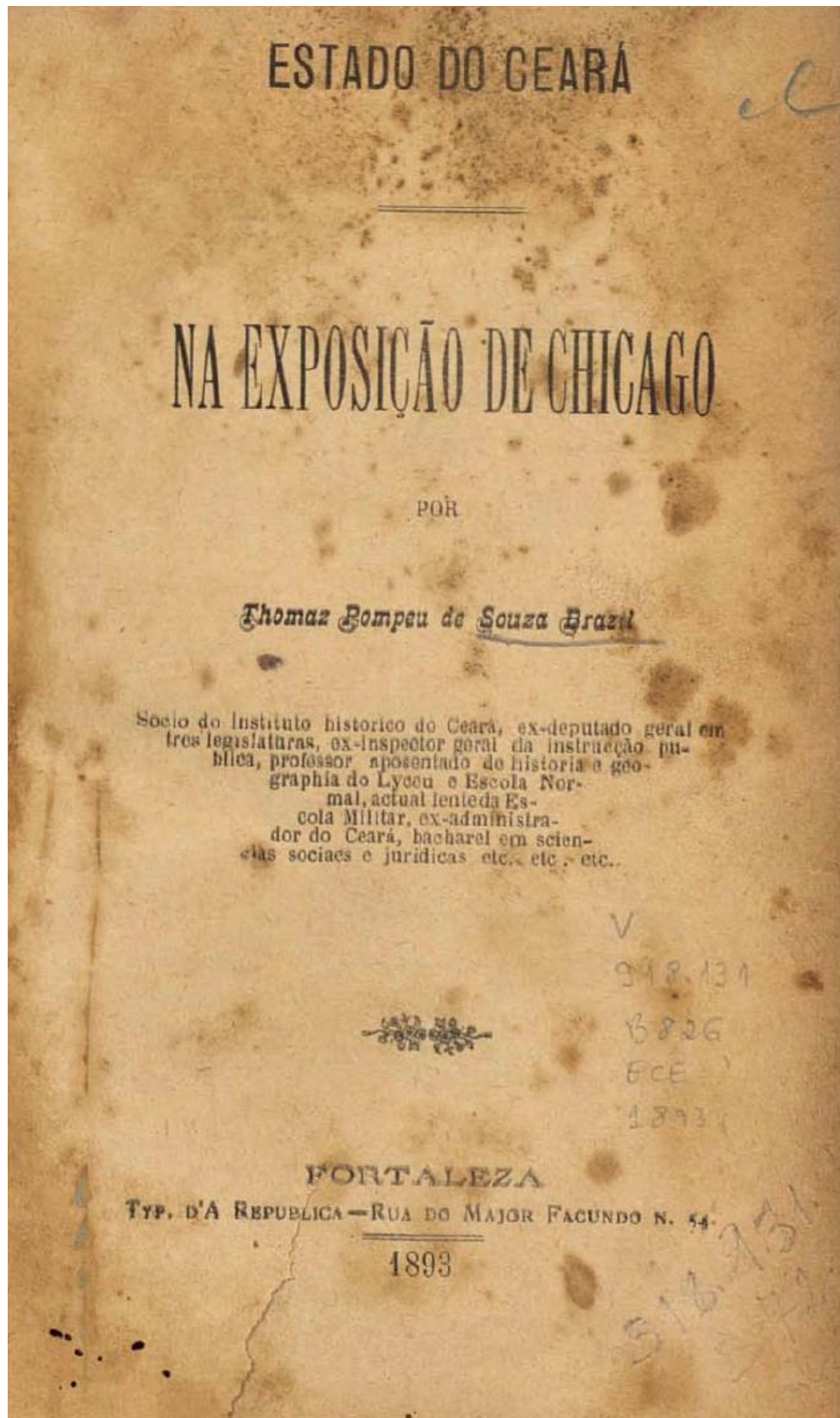
intelectual republicana que buscava modernizar o Ceará e projetá-lo no cenário nacional e internacional.

Figura 01: Thomaz Pompeu de Sousa Brazil



A leitura de sua obra *Estado do Ceará na Exposição de Chicago* revela a profundidade dessa atuação intelectual. Segue a capa.

Figura02: Capa do livro enviado à exposição



Fonte: Biblioteca do Senado e Setor Obras Raras. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242796>.

Enviada como parte da contribuição cearense à Exposição Universal de 1893, a obra, publicada pela Tipografia da República de Fortaleza, consta algumas informações sobre sua trajetória profissional descrita em parágrafo anterior. A obra está dedicada a Isaie Boris, presidente da Comissão nomeada para promover a exposição de produtos cearenses em Chicago, como consta na contracapa do relatório³³. Seus escritos estão organizados em três seções, física, econômica e política, formando um conjunto coerente que visa apresentar o Ceará como território científico e historicamente inteligível. Essa tripartição, ao que parece, não é apenas estrutural, mas metodológica, pois tenta traduzir uma forma específica de pensar o território segundo os princípios do positivismo, articulando descrição da natureza, inventário econômico e programa político.

Desde o Prefácio, Brazil estabelece seu ponto de partida teórico e afetivo: a continuidade do legado paterno e a defesa de uma tradição de estudos estatísticos no Ceará. A afirmação de que “meu pai – o Senador Pompeu – esforçara-se em 1861 por tornar conhecida a então província do Ceará sobre todas as relações. Como tentativa foi bem-sucedido, o seu *Ensaio Estatístico do Ceará* ainda é a fonte mais pura onde beber informações”³⁴ revela o caráter genealógico dessa escrita. O autor, ao reconhecer a herança do pai, situa-se como herdeiro de um projeto intelectual, mesmo que de origem imperial, que concebia o conhecimento territorial como instrumento de administração pública, ideia central para entender sua atuação na Primeira República. Entretanto, o autor afirma que, desde a obra do seu pai, “todas as indústrias e relações administrativas experimentaram profundas modificações”³⁵, demonstrando os limites dos estudos paternos e demonstrando que seu propósito era expor ou comparar o passado monárquico ao seu presente republicano.

Raimundo Assis ressalta que, na época de Thomaz Brazil, geografia e história ainda não eram campos separados. A produção intelectual do período tratava natureza, população, economia, cultura e política como elementos de uma mesma

³³ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893.

³⁴ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893. Prefácio s/n.

³⁵ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893. Prefácio s/n.

totalidade explicativa. Essa concepção aparece nitidamente na divisão estrutural do catálogo, Parte Física, Parte Econômica e Parte Política, que não são seções independentes, mas capítulos que se iluminam mutuamente. A própria Parte Política, que se estende da página 173 até a página 212, ao listar homens de letras, artistas, historiadores e cientistas, só faz sentido porque Brasil entende cultura, arte e ciência como expressões históricas do território. Ou seja, ele descreve o Ceará pela totalidade.

Nesse sentido, no prefácio do relatório Brasil afirma que “é este trabalho o balanço mais compreensivo que se poderá dar na economia rural do Ceará, e nas suas condições físicas e moraes”³⁶ revela outro ponto central: as características positivistas de sua visão de mundo e da história. O autor escrevia sob forte influência do positivismo, mobilizando dados, quantificações, descrições minuciosas e análises objetivas como forma de legitimar suas conclusões. No catálogo, esse traço aparece na construção dos diversos quadros estatísticos, na enumeração das características naturais, na descrição dos cultivos, na discussão dos efeitos das secas e, sobretudo, no modo como organiza racionalmente as “potencialidades” do estado. Como Assis observa, Brasil utilizava a ciência como instrumento político.

Após o prefácio, Thomaz Brazil traz uma “Rápida notícia sobre o Ceará destinada à Exposição de Chicago - Preliminar”³⁷. No texto, afirma que o Ceará existem quatro raças que convivem, das quais “37,2% é branca, negra propriamente apenas 5,9, cabocla 7,3, mestiça 49,5”³⁸. Embora ele não apresente de onde retirou os dados, podemos afirmar que há a valorização das “raças” mestiças e brancas em detrimento da cabocla e negra. Para além da valorização da presença branca dos franceses, “que foram os primeiros europeus (...) estabelecendo contato com os selvagens em 1590”, não enumera nenhuma porcentagem indígena no estado do Ceará, o que pode revelar sua compreensão do elemento autóctone enquanto entrave ao desenvolvimento capitalista e ao progresso. Além disso, segundo Lilia Schwarcz³⁹,

³⁶ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893. Prefácio s/n.

³⁷ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893, p. I

³⁸ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893, p. I

³⁹ SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,

as faculdades de direito, de engenharia e de medicina brasileiras de finais do século XIX e início do XX eram instituições que estavam buscando compreender a figura do mestiço como componente positivo para se construir a brasilidade já que por muito tempo a mestiçagem foi considerada negativa para o desenvolvimento do país. Sendo assim, podemos sugerir que a sociedade ideal para o autor é a mistura de brancos e mestiços. Além disso, o autor prossegue construindo uma história cearense a partir de franceses, portugueses, holandeses, “batavos”, afirmando mais uma vez que os indígenas eram selvagens que “sem mínima noção de propriedade (...) não distinguem entre os animais importados [cativos africanos] e as raças oriundas do país”⁴⁰.

Após uma breve apresentação sobre pecuária, extração de ouro e plantio de cana de açúcar, Thomaz Brazil se atém ao desenvolvimento industrial do Ceará que, segundo ele, teria começado no século XIX a partir das linhas de navegação, porém ainda sofrendo com as secas. Prossegue ele dizendo que até aquela data, a construção de barragens e estradas de ferro colocariam o Ceará nos trilhos do progresso⁴¹. Segundo Assis, Thomaz Brazil interpretava o Ceará dentro do contexto do desenvolvimento do capitalismo periférico, sempre preocupado em “ampliar os domínios da economia capitalista no Ceará”, “renovar” e “fazer progredir” o território. Esse ponto é evidente no catálogo: quando Brazil descreve as condições naturais, minerais, agrícolas e climáticas, ele está, na verdade, construindo uma narrativa para atrair investimentos, justificar obras, defender ferrovias e apresentar o Ceará como espaço promissor no mercado mundial. O catálogo inteiro funciona como propaganda econômica. Além disso, sua escrita incorpora elementos das ideias liberais e republicanas que orientavam o início da Primeira República, vinculando liberdade econômica, iniciativa privada, ampliação das forças produtivas e racionalização administrativa ao projeto de modernização territorial. Essas concepções aparecem no modo como Pompeu associa ciência, técnica e mercado como pilares para elevar o Ceará aos padrões civilizatórios do período.

Na Parte Política (p. 201–204), evidencia-se de forma clara o projeto de progresso republicano defendido por Thomaz Brazil, segundo o qual o Ceará deveria

⁴⁰ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893, p. II.

⁴¹ BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893, p. III.

ser modernizado, racionalizado e integrado aos padrões de civilização prometidos pela República. Ao destacar escritores, historiadores, artistas, engenheiros, cientistas e demais “homens de letras, artes e ciência”, Pompeu constrói uma narrativa de identidade cultural e intelectual que busca legitimar o Ceará perante o público internacional da Exposição de Chicago. Ele dá especial atenção para o Instituto Histórico do Ceará, instituição positivista: “de todas as sociedades literárias ou científicas a que mais tem vivido e promete continuar a produzir frutos é o Instituto Histórico do Ceará (...) cuja revista está no seu quinto ano”⁴². Ele cita uma série de autores cearenses que escrevem história, geografia, romances, poesias, dramas, que contribuem com a construção do Ceará artístico, histórico e brasileiro. A quantidade é tão grande, que não cabem nas linhas deste trabalho.

Essa seleção funciona como um inventário simbólico das capacidades civilizatórias da província, apresentando não apenas seus recursos naturais, mas também um consistente capital cultural capaz de a inserir no circuito do desenvolvimento moderno. Trata-se de uma estratégia deliberada de construção de imagem exatamente como Assis interpreta na qual Pompeu utiliza esses nomes como prova moral e intelectual da capacidade do estado, projetando-o no cenário nacional e internacional e reforçando seu projeto de renovação e ampliação dos domínios econômicos, políticos e culturais do Ceará.

A ênfase na modernização e no progresso revela o caráter político da narrativa. Pompeu não descreve o Ceará apenas para apresentá-lo ao público internacional: ele o reconfigura discursivamente, projetando sobre o território uma visão de futuro. A geografia torna-se instrumento de governo; a história, narrativa legitimadora; e a literatura, meio de persuasão. Assim, sua obra é simultaneamente científica, simbólica e política. Assis demonstra que os livros enviados à Exposição de Chicago buscavam construir identidades territoriais e projetar imagens de modernidade e a obra de Pompeu é exemplar nesse sentido, pois combina descrição técnica e retórica de progresso para posicionar o Ceará como região capaz de ingressar plenamente na modernidade republicana.

⁴² BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D’a Republica, 1893, p. 201.

Desse modo, a escrita de Thomaz Brazil não apenas descreve o Ceará: ela o projeta, apresentando-o como território apto ao investimento, à modernização e ao progresso republicano. Essa projeção, em sintonia com as leituras de Assis, revela o caráter profundamente político de sua obra, que mobiliza a história, a geografia e a literatura não apenas como campos de conhecimento, mas como instrumentos de afirmação perante a nação e perante o mundo. Assim, o catálogo destinado à Exposição de Chicago torna-se testemunho de uma época em que ciência, arte, literatura e política eram elementos de um mesmo projeto: inserir o Ceará na modernidade e no circuito do capitalismo internacional, por meio de uma narrativa cuidadosamente construída de suas riquezas, sua cultura e seu potencial de desenvolvimento.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender como a participação do Ceará na Exposição Universal de Chicago, em 1893, não foi um evento isolado, mas parte de um movimento mais amplo que atravessou o Brasil no século XIX e se intensificou na passagem do Império para a República. As Exposições Universais, surgidas como vitrines da modernidade industrial e arenas de disputa simbólica entre nações, tornaram-se espaços privilegiados para que países como o Brasil buscassem afirmar sua identidade, justificar seus projetos políticos e construir narrativas de progresso alinhadas aos ideais de civilização vigentes no mundo atlântico oitocentista. Esse cenário internacional de circulação de saberes, tecnologias e discursos de modernidade moldou profundamente a maneira como o país e em particular, o estado do Ceará se apresentou ao público global.

No Capítulo 1, demonstrou-se que as Exposições Universais tinham funções que ultrapassavam o simples intercâmbio técnico ou comercial: eram instrumentos de propaganda e afirmação política. No contexto brasileiro, tanto o Império quanto a República utilizaram tais eventos para se inserir simbolicamente no mundo moderno. O Império buscava legitimar-se pela estabilidade dinástica e pela exibição das riquezas naturais, enquanto a República ansiava mostrar ao mundo uma nação renovada, fundada na ciência, no progresso e na racionalidade administrativa. A Exposição de Chicago, primeira de grande porte na qual o Brasil participou já como

regime republicano consolidado, tornou-se palco para a construção de uma narrativa nacional que precisava apagar, ressignificar ou reordenar o passado monárquico. A pirâmide dourada que omitia o século XIX imperial, mencionada por Rezende, tornou-se símbolo dessa operação discursiva de reinvenção histórica.

É nesse grande palco simbólico que o Ceará se insere. Sua participação, diferentemente de estados como São Paulo ou Minas Gerais, não se deu a partir de grandes complexos industriais ou de vultosos investimentos financeiros, mas por meio da mobilização intelectual e administrativa de uma elite letrada que via na exposição uma oportunidade de visibilidade e afirmação regional. Como demonstrado no Capítulo 2, a formação da Comissão Central do Ceará, composta por Isaie Boris, Antonio Bezerra, Ernesto Lassance Cunha, José Freire Fontenelle e Thomaz Pompeu de Sousa Brazil, revela a articulação entre ciência, administração e interesses econômicos que caracterizava a elite republicana cearense. Esses homens, representando frações do comércio, da engenharia, da burocracia e da produção intelectual, atuaram de maneira coordenada para produzir livros, catálogos e amostras que pudessem representar o estado na mostra internacional. A obra de Pompeu, em especial, sintetiza esse esforço.

O estudo detalhado da sua obra *Estado do Ceará na Exposição de Chicago* permitiu perceber como Pompeu não apenas descreve o território, mas o constrói discursivamente. Ele utiliza a geografia como narrativa histórica, unindo descrição física e leitura política, em uma escrita na qual território, povoamento e economia aparecem intrinsecamente conectados. Sua divisão tripartida física, econômica e política traduz uma forma positivista de compreender o mundo: primeiro descreve-se o organismo territorial, depois identificam-se suas vocações produtivas e, por fim, propõem-se medidas administrativas para sua transformação. Esse modelo espelha a lógica da Primeira República, que buscava legitimar-se por meio de um discurso científico-racional, no qual o conhecimento estatístico e geográfico servia como base para o planejamento governamental.

Essa análise revela também o quanto Pompeu expressa, em sua escrita, o que Assis denomina “dupla função” dos livros enviados aos Estados Unidos: interpretar o território internamente e projetá-lo externamente. Internamente, seu texto atua como instrumento de construção de identidade regional, organizando o Ceará em termos de natureza, economia e história. Externamente, procura convencer o público

internacional de que o Ceará era território promissor, com recursos naturais abundantes e potencial para inserção nos circuitos do capitalismo industrial. Assim, sua obra opera simultaneamente como ciência, literatura e propaganda.

Outro ponto significativo é o papel desempenhado por Pompeu como intelectual-militante, figura típica da Primeira República. Ele articula, em sua trajetória, os três eixos que pautaram a elite republicana brasileira que é a ciência, política e negócios produzindo análises que não se limitam à descrição do Ceará, mas que propõem caminhos concretos para seu desenvolvimento. A defesa de obras contra a seca, a ênfase na expansão ferroviária, a valorização da instrução pública e a racionalização administrativa refletem sua crença na modernização como destino e necessidade histórica. Ao mesmo tempo, sua escrita participa explicitamente do discurso republicano que buscava romper com o passado imperial e consolidar a imagem de um Brasil progressista, técnico e civilizado.

Do ponto de vista historiográfico, a análise dos materiais enviados pelo Ceará para a Exposição de Chicago, especialmente a obra de Pompeu, contribui para compreender a formação do pensamento geográfico brasileiro. Conforme argumenta Assis, os livros produzidos para a exposição não são apenas fontes descritivas, mas documentos fundamentais para compreender como elites regionais e nacionais formularam interpretações científicas sobre o território. Em outras palavras, são textos que constituem, eles próprios, capítulos da história da ciência geográfica no Brasil. No caso cearense, a obra de Pompeu ajuda a visualizar como a geografia foi mobilizada como ferramenta política, intelectual e simbólica para interpretar e transformar o estado.

Outro aspecto importante é a articulação entre território e identidade. A obra de Pompeu assim como os catálogos e relatórios da comissão projeta uma imagem do Ceará que combina elementos naturais, econômicos e culturais, contribuindo para consolidar uma narrativa de identidade regional. Essa representação, longe de ser neutra, responde às demandas da época: inserir o estado nos discursos oficiais da República, atrair atenção internacional e reforçar a legitimidade das elites locais. Dessa forma, a análise de sua obra permite compreender não apenas o Ceará da época, mas o modo como se desejava que ele fosse percebido.

A partir de tudo isso, conclui-se que a participação do Ceará na Exposição de Chicago e a obra de Thomaz Pompeu de Sousa Brazil representam um momento singular na história intelectual do estado. O evento de 1893 não foi apenas uma vitrine internacional, mas um dispositivo que impulsionou a produção de conhecimento local, estimulou a construção de identidades regionais e reforçou a articulação entre ciência e política. O estudo desses materiais, portanto, não se limita ao campo da história das exposições, mas contribui para entender as dinâmicas políticas, econômicas e culturais que moldaram o Brasil no surgimento da República.

Assim, ao retomar os principais pontos discutidos nos capítulos anteriores, percebe-se que o Ceará utilizou a Exposição Universal de Chicago não apenas para apresentar suas riquezas, mas para se afirmar enquanto território moderno, científico e progressista. A obra de Pompeu, por sua vez, sintetiza esse esforço de maneira exemplar, constituindo-se como documento essencial para compreender tanto a formação do pensamento geográfico no Brasil quanto os projetos de modernização regional articulados pelas elites da Primeira República. Seu texto não apenas descreve o Ceará: ele o projeta, o interpreta e o reinscreve na história. Ao final, a exposição de 1893 emerge, dentro deste trabalho, não como um evento periférico, mas como marco significativo na articulação entre conhecimento, política e identidade no Ceará e no Brasil.

REFERÊNCIAS

I – Documentais

BRAZIL, Thomaz Pompeu de Souza. Estado do Ceará na Exposição de Chicago. Fortaleza: Typographia D'a Republica, 1893.

II – Bibliográficas

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **A iminência da subordinação aos Estados Unidos:** A afirmação do Brasil como periferia do capitalismo na exposição universal de Chicago. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **A produção do pensamento geográfico no Brasil nos livros enviados para a Exposição Universal de Chicago**, EUA. OpenEdition, Confins, nº 31, 2017.

AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História**: possibilidades, limites e tensões. Dimensões, vol. 24, 2010, p. 157-172.

BARBUY, Heloisa. **A Exposição Universal de 1889 em Paris**: visão e representação na sociedade industrial. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

BARBUY, Heloisa. **O Brasil vai a Paris em 1889**: um lugar na Exposição Universal. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. V.4, p. 211 – 261 jan/dez, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

COSTA, Patrícia Claudia da. **Ilusão biográfica**: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 51 – 71, set./dez. 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. **O Brasil nas Exposições Universais do século XIX**. (SYN)THESIS, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 59–69, 2022. DOI: 10.12957/synthesis.2022.70872. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/70872>

FERREIRA, Cristina Araripe. **Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na segunda metade do século XIX**: a circulação do progresso nas exposições universais e internacionais. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011.

GIMENES, Gabriela Xabay. **A Exposição Universal de Chicago (1893)**: reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX. ANPHLAC, n. 22, 2017.

LIMA, Paula Coêlho Magalhães de. **A Exposição Universal de Chicago em 1893 e o yankismo paulista**: visões sobre uma cidade imaginada. 2022. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

MACHADO, Marina Monteiro; MARTINS, Monica de Souza Nunes. **A modernidade nas teias da floresta: o Brasil na exposição universal da Filadélfia de 1876.** Geosul, Florianópolis, v. 32, n. 65, 2017.

MARTINS, Mônica. **O impacto das Exposições Universais do século XIX para as relações econômicas brasileiras e o avanço tecnológico:** uma análise sobre a participação das províncias. XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, Niterói, 2017.

NEVES, Margarida. **As vitrines do progresso.** Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq, 1986.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC/SP, n. 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra. **Exposições Universais:** Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

REZENDE, Livia. **The Future of the Past:** The Representation of the First Brazilian Republic in the World's Columbian Exposition in Chicago, 1893. Iberoamericana, XXI, 2021.

SANJAD, Nelson. **Exposições internacionais:** uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017.

SANTOS, Paulo Cesar dos. **Um olhar sobre as Exposições Universais.** XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH Brasil, 2013.